

**FABIANO TADEU GRAZIOLI  
(ORGANIZADOR)**



**A EXPRESSIVIDADE  
E SUBJETIVIDADE  
DA LITERATURA**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Fabiano Tadeu Grazioli**

(Organizador)

# A Expressividade e Subjetividade da Literatura

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine de Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E96	A expressividade e subjetividade da literatura [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-593-8 DOI 10.22533/at.ed.938190209  1. Criação (Literária, artística etc.). 2. Literatura – Estudo e ensino. I. Grazioli, Fabiano Tadeu.  CDD 801.92
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O que é expressivo e o que é subjetivo na literatura? A expressividade e a subjetividade são elementos indissociáveis na construção da obra literária? Se tomamos a expressividade como a capacidade de utilizar a palavra em um nível que a desvincula do pragmatismo da língua, como ela se manifesta nas obras que chamamos de literárias justamente pela capacidade de seus criadores operarem com cuidado tal elemento? E se tomamos a subjetividade como a manifestação do sensível, como ela se transfigura na literatura e opera, justamente no nível da expressividade, da construção dos textos artísticos? A expressividade e a subjetividade são elementos que compõem as obras que procuram alcançar o público adulto ou são intrínsecas também na construção da obra pensada para o público infantil e juvenil? A expressividade e a subjetividade devem ser observadas e mesmo definir os princípios que envolvem a mediação de leitura, já que percebê-las é um fator determinante na recepção da obra? As características da literatura focalizadas nessa obra ultrapassam o texto impresso e migram para outras linguagens, como a dança, o cinema e os gêneros textuais que as redes sociais abarcam?

Essas e muitas outras questões em torno do título da chamada para a presente obra inspiraram pesquisadores de diversas instituições brasileiras a escreverem os textos que a compõem, muitos assumindo as reflexões com as quais abrimos esta Apresentação, outros simplesmente inspirados por elas.

O entendimento muito particular das questões levantadas anteriormente levou ao desdobramento do título da chamada – e da obra – em trabalhos de temáticas variadas, e que, por vezes, entrecruzam-se, haja vista abordagens parecidas, o aproveitamento dos mesmos aportes teóricos, o estudo de obras de mesmos autores ou autoras ou épocas, ou, então, a pesquisa sobre obras destinadas ao mesmo público. A divisão que propomos ao organizarmos a obra serve somente para melhor agruparmos os estudos em temáticas e para apresentá-los, tendo em vista alguma aproximação. Contudo, o Sumário que propomos é contínuo, sem as divisões que o leitor perceberá nesta Apresentação.

Nos primeiros seis textos, são abordadas importantes temáticas em obras escritas por mulheres, que trazem temas como a representação da memória, a escrita autobiográfica, o testemunho, as questões de gênero, entre outros. Na ordem em que aparecem na obra, eles abordam especificamente: a dimensão simbólica espaço-temporal na linguagem que compõe a narrativa *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector; a representação das memórias de tempos de grande sofrimento – a espera do marido que estava preso no campo de concentração de Buchenwald, no período da ocupação alemã na França – na obra *A Dor*, da escritora francesa Marguerite Duras; o fazer literário a partir do romance contemporâneo *Desamparo*, da escritora portuguesa Inês Pedrosa, com destaque para a utilização da memória na estrutura da narrativa, na História ou na fábula, lugar em que se cruzam o político e o biográfico de Portugal e do

Brasil; a análise da constituição do medo na narrativa fantástica *Lídia*, de Maria Teresa Horta, que resulta em uma releitura das relações de gênero, destacando a presença emudecida e silenciada do outro: a mulher; a escrita historiográfica de Elisabeth Badinter no seu livro *Émilie, Émilie*, com vista a discutir as representações sociais sobre o papel destinado à mulher no *status quo* do ocidente, via análise do cenário social no século XIII; o silenciamento do testemunho feminino em *A guerra não tem rosto de mulher*, de Svetlana Aleksievitch.

Os três capítulos seguintes também tratam de obras literárias escritas por mulheres. O primeiro dos três aponta a marca feminina na composição de *Coletânea das Flores: poetizas do Pajeú*, subvertendo a hegemonia masculina na autoria da poesia popular nordestina e deixando em evidência a utilização de diversos recursos poéticos e a contribuição valiosa da escrita poética de mulheres que vieram para somar e ampliar o universo predominantemente masculino. O segundo trata da representação de Lisboa na literatura de autoria feminina, tomando, para isso, as obras de Luísa Sigeia, Teresa Orta, Ana Plácido, Guiomar Torresão, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. O terceiro fecha a presença da literatura produzida por mulheres trazendo à obra uma interpretação do conto *Ovo e a Galinha*, de Clarice Lispector, baseada em um viés epistemológico, relacionando a narrativa à filosofia de Kant, como uma teorização acerca da dualidade de conhecimentos possíveis, o cognoscível e o conhecimento das coisas em si.

Ainda na esteira das análises de obras literárias, um estudo demonstra a cena de escrita, que se dá na encenação do ato de escrituração, nos poemas *A faca não corta o fogo*, *Servidões* e *A morte sem mestre*, de Herberto Helder. Na sequência, são focalizadas as questões identitárias e de gênero literário no relato de vida indígena *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. O capítulo seguinte apresenta as correlações entre o som e silêncio com os momentos finais da incansável busca dos amantes da obra *Avalovara*, de Osman Lins, e as possíveis associações com o sagrado impregnado na tradição oriental do tantrismo. O capítulo seguinte trata de uma leitura sobre o conto *Insônia*, de Graciliano Ramos, que observa os aspectos estruturais de sua narrativa e possibilita estabelecer uma relação com os princípios que norteiam a literatura fantástica. No capítulo que é apresentado posteriormente, os pesquisadores realizam uma análise da obra *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir, com objetivo de refletir sobre os personagens infantis que surgem nessa narrativa como figuras metonímicas do desnudamento humano, apontando para a condição de exceção daqueles que estão à margem de qualquer privilégio no contexto pós-belle époque. No fechamento dessa parte, evidencia-se um estudo da obra *Saudade*, do escritor Tales de Andrade, que recai na análise acerca da linguagem empregada pelo autor, a partir, principalmente, dos pressupostos teóricos de Alice Maria Faria, recuperados do texto *Purismo e coloquialismo nos textos infanto-juvenis*.

Pensar a expressividade e a subjetividade da literatura só tem sentido se o encontro entre obra literária e leitor, de fato, ocorrer. Assim, a obra que estamos a

apresentar abre espaço para alguns estudos que refletem sobre a mediação de leitura, a formação de leitores e a formação de professores. Dessa maneira, na sequência, dois pesquisadores realizam uma reflexão sobre a formação de leitores na infância, isto é, nas séries iniciais do ensino fundamental, com o objetivo básico de dialogar com as concepções teóricas e práticas que sustentam a formação de leitores nessa fase escolar, levando-se em conta os processos de alfabetização e de multiletramentos. Em seguida, tem espaço um capítulo sobre a construção dos sentidos do texto literário por crianças do 1º ciclo de formação humana. Com base nos dados recolhidos pelas autoras/pesquisadoras, é possível afirmar que as crianças mostram-se ativas participantes da interação propiciada pelos Círculos de Leitura (prática de mediação de leitura proposta pelo pesquisador Rildo Cosson), apontando aspectos interessantes nos livros, quando fazem previsões motivadas, sobretudo, pelas imagens. As análises também mostram a necessidade de mediação para que elas ampliem a compreensão de textos literários desafiadores, que exigem do leitor habilidades complexas, como a de realizar inferências. O estudo seguinte abre espaço para importantes reflexões sobre a leitura e a escrita no contexto da infância. Posteriormente, a obra traz um capítulo que reúne reflexões presentes em duas pesquisas – uma de mestrado e outra de doutorado –, cujo objeto comum é o interesse em pensar o letramento literário, tendo em vista a mediação e a recepção da literatura juvenil. No capítulo apresentado depois, a formação de leitores literários continua sendo focalizada, contudo em um trabalho que reflete sobre a literatura e formação inicial e continuada de professores leitores literários, o que nos leva a afirmar que a leitura literária deve ser pensada em campos distintos de atuação: junto aos pequenos e jovens leitores e junto àqueles que se preparam para mediar as práticas de leitura realizadas com os primeiros. Ganha espaço, na continuação da obra, um estudo sobre o Estágio Supervisionado Obrigatório, componente curricular central na formação inicial de professores e professoras.

Uma vez que não podemos conceber a literatura sem considerar o diálogo com as outras artes e linguagens, a obra encerra-se com quatro estudos, um sobre a relação entre um poema e a dança, dois sobre cinema e um sobre um gênero textual que tem comparecido nas redes sociais de maneira recorrente, o “meme”. No primeiro capítulo dessa última parte, é apresentado um trabalho investigativo de literatura comparada do poema *L'après-midi d'un faune*, de Mallarmé, e a notação coreográfica de Nijinsky inspirado no poema, também intitulada *L'après-midi d'un faune*. Adentrando na área do cinema, temos uma análise hermenêutica do percurso do personagem Che Guevara, de *Diários de motocicleta*, filme do cineasta Walter Salles, a partir do arcabouço teórico fornecido pelo conceito de “engajamento”, disseminado nos escritos de Jean-Paul Sartre e, mais especificamente, na entrevista *O existencialismo é um humanismo*, de 1945. O capítulo posterior é uma instigante reflexão sobre cinema, fabulação e educação infantil. Fecha a obra uma investigação sobre o gênero textual digital “meme” e sua importância para a tomada de consciência política, a partir da metodologia conhecida como investigação-ação.

Ao todo, são trinta e nove autores que compareceram a mais esta chamada da Atena Editora, alguns até assinando dois trabalhos na obra. Esperamos que o leitor que agora entra em contato com os capítulos perceba o entusiasmo que moveu um grupo tão grande e escolha os estudos de seu interesse para apreciação e leitura.

O organizador



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DA MEMÓRIA À IMAGINAÇÃO: DIMENSÃO SIMBÓLICA ESPAÇO-TEMPORAL EM <i>A CIDADE SITIADA</i> DE CLARICE LISPECTOR	
<a href="#">Maria de Lourdes Dionizio Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9381902091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
ARQUIVOS DA MEMÓRIA EM <i>A DOR</i> DE MARGUERITE DURAS	
<a href="#">Maria Cristina Vianna Kuntz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9381902092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>15</b>
REMEMORAÇÃO EM PROCESSO - INÊS PEDROSA	
<a href="#">Ulysses Rocha Filho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9381902093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>24</b>
MEDO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM UMA NARRATIVA FANTÁSTICA DE MARIA TERESA HORTA	
<a href="#">Ana Paula dos Santos Martins</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9381902094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>32</b>
MULHERES E AMBIÇÃO NA ESCRITA DE ELISABETH BADINTER	
<a href="#">Anna Christina Freire Barbosa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9381902095</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>41</b>
O SILENCIAMENTO DO TESTEMUNHO FEMININO EM <i>A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER</i> DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH	
<a href="#">Émile Cardoso Andrade</a>	
<a href="#">Thayza Alves Matos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9381902096</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>49</b>
PERIGLOSAS: TRADIÇÃO E RUPTURA NA POESIA DO PAJEÚ	
<a href="#">Luiz Renato de Souza Pinto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9381902097</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>58</b>
A CIDADE QUE NÃO É DE ULISSES, O PARAÍSO QUE NÃO É DE EVA	
<a href="#">João Felipe Barbosa Borges</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9381902098</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>69</b>
CLARICE LISPECTOR E A EPISTEMOLOGIA: UMA ANÁLISE DE <i>O OVO</i> E <i>A GALINHA</i> A PARTIR DA <i>CRÍTICA DA RAZÃO PURA</i> , DE KANT	
Alexandre Bartilotti Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9381902099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>79</b>
CENAS DE ESCRITA NO ÚLTIMO HERBERTO HELDER	
Roberto Bezerra de Menezes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>87</b>
EU, TU E NÓS: QUESTÕES IDENTITÁRIAS E LITERÁRIAS EM <i>A QUEDA DO CÉU: PALAVRAS DE UM XAMÃ YANOMAMI</i>	
Juliana Almeida Salles	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>97</b>
TRANSFIGURAÇÃO E SILÊNCIO EM <i>AVALOVARA</i> , DE OSMAN LINS	
Martha Costa Guterres Paz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>110</b>
A (DES)RAZÃO COMO ESPAÇO DO FANTÁSTICO EM “INSÔNIA”, DE GRACILIANO RAMOS	
Maria de Lourdes Dionizio Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>117</b>
A INFÂNCIA DESNUDA: A REGRA NA VIDA DOS AGREGADOS DA FAMÍLIA ALCÂNTARA EM <i>BELÉM DO GRÃO PARÁ</i> DE DALCÍDIO JURANDIR	
Rosane Castro Pinto	
Augusto Sarmiento-Pantoja	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>127</b>
O PURISMO GRAMATICAL NA OBRA <i>SAUDADE</i> , DE TALES DE ANDRADE	
Rondinele Aparecido Ribeiro	
Fabiano Tadeu Grazioli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>136</b>
FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA: PISTAS PARA MULTILETRAMENTOS	
José Teófilo de Carvalho	
Krisna Cristina Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020916</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>151</b>
A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO LITERÁRIO POR CRIANÇAS DO 1º CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA	
Maria Elisa de Araújo Grossi Maria Zélia Versiani Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>166</b>
LEITURA E ESCRITA: UM MUNDO A SER DESCOBERTO PELA CRIANÇA	
Ana Lucila Macedo dePossídio Elinalva Coelho Luz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>172</b>
LITERATURA JUVENIL NA PERSPECTIVA DOS LEITORES E DOS MEDIADORES	
Eliana Guimarães Almeida Lívia Mara Pimenta de Almeida Silva Leal Maria Zélia Versiani Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020919</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>186</b>
LITERATURA E FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES LEITORES LITERÁRIOS: UM ENTRE-LUGAR OU UM NÃO-LUGAR?	
Cleudene de Oliveira Aragão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020920</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>202</b>
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: LEITURA E RELEITURA DO PERCURSO FORMATIVO DOCENTE	
Rosileide dos Santos Gomes Soares Adelina Maria Salles Bizarro Kamila Kayrelle Barbosa Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020921</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>216</b>
A POÉTICA DE <i>L'APRÈS-MIDI D'UN FAUNE</i> : DOS VERSOS AOS PALCOS, O HÍMEN DE MALLARMÉ	
Thaís Meirelles Parelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020922</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>225</b>
<i>DIÁRIOS DE MOTOCICLETA</i> : É POSSÍVEL SE FALAR EM CINEMA ENGAJADO NA CONTEMPORANEIDADE?	
Deise Quintiliano Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020923</b>	

<b>CAPÍTULO 24 .....</b>	<b>236</b>
CINEMA, FABULAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL	
Janete Magalhães Carvalho	
Sandra Kretli da Silva	
Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020924</b>	
<b>CAPÍTULO 25 .....</b>	<b>242</b>
O MEME ENQUANTO GÊNERO TEXTUAL E SUA IMPORTÂNCIA NA TOMADA DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA	
Kleberson Saraiva dos Santos	
Stanley Gutierey Messias da Paz	
Erisvânio Araújo dos Santos	
Glaúbia de Castro Amorim	
Carollaine Pinto de Souza	
Patrícia Ferreira Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.93819020925</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>253</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>254</b>

## MULHERES E AMBIÇÃO NA ESCRITA DE ELISABETH BADINTER

### Anna Christina Freire Barbosa

Universidade do Estado da Bahia, *Campus III*,  
Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais.  
Juazeiro – BA  
Autarquia Educacional do Vale do São Francisco  
Petrolina \_ PE

**RESUMO:** O século XVIII foi emblemático para o ocidente, pois é a partir dele que se iniciam as vivências projetadas pela modernidade, a qual nasceu trazendo como elemento ontológico central a ideia de liberdade, elemento que ancora a sua projeção como parte estrutural da fruição da cidadania; de modo a implicar em novos sentidos de pertencimento ao mundo social. Condição que trouxe a viabilidade de reconhecimento das diferenças na multiplicidade de possibilidades de atuação dos indivíduos em sociedade. Entretanto, longe de se configurar de modo linear, o *modus operandi* das relações sociais trouxe uma tensão quanto ao lugar da mulher relativamente ao poder e prestígio, processo identificável através da escrita historiográfica de Elisabeth Badinter no seu livro *Émilie, Émilie*. Mas quais as perspectivas e ambições possíveis, considerando-se que a mulher, no imaginário social da sociedade patriarcal, ocupa um lugar de subalternidade? Ao abordar a trajetória biográfica de Madame du Châtelet e de Madame d'Épinay, Elisabeth

Badinter demonstra a dinâmica social relativa aos costumes e moralidade dentro dos equilíbrios variáveis do espaço social, bem como a ambição feminina como forma de contraposição aos comportamentos institucionalizados. A subversão de seus comportamentos permitiu-lhes um reposicionamento do seu capital simbólico, levado a termo na polifonia de discursos e de percepções expressas na racionalidade das práticas sociais, as quais transformam o inconsciente individual e o coletivo de forma simbiótica. Este trabalho busca discutir as representações sociais sobre o papel destinado à mulher no *status quo* do ocidente via análise do cenário social no século XIII.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres; Representações sociais; Modernidade; Elisabeth Badinter.

### WOMEN AND AMBITION IN THE WRITING OF ELISABETH BADINTER

**ABSTRACT:** The eighteenth century was emblematic for the West, because it was from this century that the experiences projected by modernity began. It was born, bringing the idea of freedom as central ontological element, which anchors its projection as a structural part of the fruition of the citizenship, in order to imply in new senses of belonging to the social

world. This condition made the recognition of the differences viable about multiplicity of possibilities in individuals' action in society. However, far from being linear, the *modus operandi* of social relations has brought a tension about to women's place concerned to power and prestige. This process is identifiable through the historiographical writing of Elisabeth Badinter in her book *Émilie, Émilie*. But which prospects and ambitions are possible, considering that the woman, in the social imaginary of patriarchal society, occupies a place of subalternity? When Elisabeth Badinter addresses Madame du Châtelet and Madame d'Épinay's biographical trajectory, She demonstrates the social dynamics of customs and morality within the changing equilibria of social space, as well as female ambition as a form of contraposition to institutionalized behavior. The subversion of their behaviors allowed them a repositioning of their symbolic capital, brought to a conclusion in the polyphony of discourses and perceptions. These ones are expressed in the rationality of social practices, which transform the individual and collective unconscious symbiotically. This paper seeks to discuss the social representations about the women's role in the status quo of West through analysis of the social scene in the thirteenth century.

**KEYWORDS:** Women; Social representations; Modernity. Elisabeth Badinter.

## 1 | INTRODUÇÃO

Falar sobre o tema da ambição remete ao questionamento do *status quo*, definido como a posição de hierarquias sociais presentes em dada conformação social. Assim que, pela via da sua compreensão, é possível estabelecer quais elementos do mundo vivido se configuram como essenciais e quais os que carregam uma categorização de inferioridade na distribuição de poder e prestígio.

Ao abordar o tema, este artigo se debruça sobre como a ambição social pode implicar na maneira de individualidades femininas se projetarem para além de expectativas socialmente cristalizadas. Já que, longe de se configurar de modo linear, o *modus operandi* das relações sociais trouxe uma tensão quanto ao lugar da mulher relativamente ao poder e prestígio, processo identificável através da escrita historiográfica de Elisabeth Badinter (2003) no seu livro *Émilie, Émilie*.

Desse modo trata de discutir as representações sociais sobre o papel destinado à mulher no *status quo* do ocidente via análise do cenário social no século XVIII. Para tanto o método utilizado é o compreensivo e histórico-comparativo (DILTHEY, 2010), através de análise de narrativa bibliográfica, com foco no levantamento de representações sociais (BERGER; LUCKMANN, 1985; MOSCOVICI, 2010; MOSCOVICI, 2011).

Além da presente introdução, o texto está organizado como segue: a segunda seção oferece análise sobre as representações sociais da forma típico-ideal da mulher, o lugar social que lhe é atribuído na sociedade moderna, e como isto se coloca frente as vivências sociais; a terceira seção traça um quadro comparativo da trajetória das biografias de Madame du Châtelet e de Madame d'Épinay, de modo a demonstrar a

dinâmica social relativa aos costumes e moralidade, onde é apresentada uma análise sobre o lugar da ambição. Por fim, a quarta e última seção traz a conclusão com considerações finais.

## 2 | REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DA MULHER

As maneiras coletivas de agir e de pensar nas relações sociais resultam de uma realidade exterior aos indivíduos que, a cada momento, a ela se conformam, já que a consciência individual não é fruto do caráter psicológico, mas deriva da maneira de associação aos grupos de vinculação, num movimento de simbiose entre os indivíduos e os grupos na formação de socialidades.

Assim as relações sociais se estabelecem em função das crenças, que coletivamente são tomadas como válidas. Tais crenças foram denominadas por Émile Durkheim (1978) de representações sociais, a quais se constituem como um recurso heurístico de compreensão da vida em sociedade.

Tal aspecto requer aprofundamento do mundo dos significados das ações e relações humanas, capaz de explicitar mitos, crenças, aspirações, valores e atitudes (BOUDON, 1989; BOURDIEU, 2001). Pois é no âmbito nas relações sociais que estão definidos os valores vigentes para o direcionamento das ações. O compartilhamento de sentidos reforça o processo de identificação dos agentes, individuais e coletivos, nas esferas de suas interações.

Um ponto a ser considerado é que as representações sociais ocorrem concretamente através dos valores e estruturas de referência que orientam as ações e expectativas dos demais membros do grupo, o 'outro generalizado' a que se refere Goffman (1985), ao analisar como os indivíduos estabelecem a dramaturgia do cotidiano; as relações sociais propriamente ditas.

Assim, a teoria das representações sociais se apresenta como uma maneira de interpretar o comportamento dos indivíduos e dos grupos sociais. Moscovici (2010) esclarece que são formadas por influências recíprocas e por negociações implícitas no curso das convenções sociais, nas quais as pessoas se orientam para formação de modelos simbólicos, imagens e valores. Nesse processo é formado repertório comum de interpretações e explicações, regras e procedimentos que podem ser aplicados à vida social.

Como cristalizações tangíveis do mundo cotidiano as representações correspondem à matéria simbólica produzida e consumida nos processos de comunicação, se entrecruzando e pondo-se em evidência por gestos, escolhas e palavras. Constituem-se em materializações práticas dos agentes sociais que legitimam as crenças ao tempo que as produzem, como parte de uma dinâmica social complexa e sujeita a contestações.

Seu caráter prescritivo decorre do processo de partilha, porque se ao disseminar uma tradição são propiciadas experiências dentro de um esquema classificatório que

se difundem na memória coletiva e na reprodução da linguagem. E, uma vez aceito seu conteúdo, as representações passam a corroborar a identidade pessoal e o modo de julgamento dos agentes.

Assim elas se inserem em lutas classificatórias, das quais decorre o processo de legitimação de pontos de vista. No espaço de relações sociais os agentes estão distribuídos de forma multidimensional, a se orientar por princípios de diferenciação de força e poder, pois suas posições são relacionais, isto em função de pesos relativos ao capital simbólico em circulação.

Vale a ressalva de que o espaço social não é apenas um universo de pontos de vista, mas um lugar social onde existe distribuição de capital, seja ele econômico, social ou informacional, em torno do qual se travam lutas através das ações dos indivíduos. E é através dos atos de fala que os conflitos são refletidos e desviados nos sistemas de dominação, simultaneamente objetivados e objetivantes, em que os enunciados pretendem realizar aquilo que enunciam (BOURDIEU, 1983). Desse modo, as disposições dos agentes e a forma como as práticas são vivenciadas, são expressas através do exercício de nomeação e categorização, em sua ação prática de construção da realidade.

## **2.1 A categoria mulher como atribuição ontológica**

Ao analisar o modo de funcionamento da dinâmica do Estado moderno, Marshall (1967) afirma que, quanto às relações existentes entre a cidadania e os direitos civis estão imbricados três planos: o civil, o político e o social. É justamente nesses termos que se coloca o problema da esfera pública, na medida em que os indivíduos são tocados desigualmente nos planos aludidos (KANT DE LIMA, 2004).

Nesse contexto o papel da mulher na sociedade ocidental é marcado por uma série de dispositivos de controle acerca dos atributos que devem marcar corpos e condutas. Michelle Perrot (1988), ao tratar dos espaços públicos e privados, traz como argumento, de maneira enfática, a separação sexual entre os espaços da casa e da rua. A casa como território e primazia da mulher, a rua, o espaço público, do homem.

Trata-se de um conjunto de representações sociais (MOSCOVICI, 2010) que cingem à mulher a uma condição de subalternidade pela ordem de dominação, pois a ela são requeridos os atributos da feminilidade, compreendidos como expressão necessária de delicadeza, recato, introspecção. A mulher seria então como uma espécie de não-sujeito, que vaga entre as obrigações de esposa, mãe e cuidadora, idealizada como a fonte de equilíbrio da família, mas diminuída ou mesmo excluída das decisões basilares da vida social. Então para a mulher não haveria lugar para a ambição fora dos limites do universo da casa e dos laços familiares.

Dessa perspectiva, podemos dizer que nas relações entre homens e mulheres existe a constatação da subordinação feminina, cuja base é a autoridade que se projeta por meio do discurso social. Prevalece a dominação em um contexto onde é possível agregar termos tais como ‘opressão das mulheres’, ‘subordinação’ ou ‘sujeição’, o que



indica uma construção social de hierarquia entre os sexos (DELPHY, 2009).

Diante disso optamos aqui, para compreender as múltiplas formas de expressão da situação feminina, pela utilização da categoria “dominação masculina”, por entender que tem um sentido mais amplo, sendo que o patriarcalismo (de uso mais disseminado e genérico) é uma de suas manifestações enquanto sistema sociopolítico (MIGUEL; BIROLI, 2013; PATEMAN, 1989).

Mas usufruir da cidadania, obrigatoriamente, requer capacidade de possuir e reivindicar direitos frente à estrutura social, base da prática política e de apropriação do conceito de justiça social. Desse modo, o ato de pertencer ao corpo social está vinculado a um estatuto, oriundo do relacionamento entre a pessoa natural e a sociedade política, baseando-se na regra da lei e no princípio da igualdade. No bojo da proposta liberal de Estado, é admitida a inclusão dos indivíduos na malha social pela sua capacidade de racionalidade e, no limite ampliado, pela vontade independente.

A respeito dessa questão vale rememorar Simone de Beauvoir, que em sua obra *O Segundo Sexo*, ao discorrer acerca da questão da mulher, declarou que "a mulher é como um homem um ser humano: mas tal afirmação é abstrata; o fato é que todo ser humano concreto é singularmente situado"<sup>1</sup> (BEAUVOIR, 1986: 15).

A discussão acerca das estruturas de poder e dominação que são projetadas sobre as mulheres já estava presente no nascedouro do Estado moderno, à exemplo da discussão levantada por autoras como Olympe de Gouges, com a sua *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, em 1791, e Mary Wollstonecraft com *A Vindication of the Rights of Woman*, em 1792; e é no cenário francês do século XVIII que vamos encontrar as personagens retratadas por Elisabeth Badinter (2003).

### 3 | ÉMILIE, ÉMILIE: DUAS VERSÕES DA AMBIÇÃO

Ao se considerar um dos aspectos que se coloca de maneira fulcral na dinâmica do ocidente, a afirmação das individualidades, vê-se que é elemento central da ontologia do liberalismo, cujo corolário necessário é a fruição das liberdades individuais. Ao se tomar esse aspecto como premissa, dele decorre uma série de consequências para a formação das subjetividades, em especial o reconhecimento de si pelo viés da projeção da condição de cidadania.

O reconhecimento dos papéis desempenhados pelos indivíduos na adoção dos papéis sexuais pode ser encaixado nesse contexto de taxionomia da vida social. Ser homem ou ser mulher, mais que uma separação de natureza biológica, traz uma série de sentidos sociais que são, antes de tudo, constructos culturais. Seus reflexos são percebidos nos mais variados aspectos da vida social, tais como: político, ao se pensar a forma de participação nas esferas institucionalizadas de poder; jurídico, quanto a forma de tutela estatal no direito civil ou de amplitude para a concepção de crimes no direito penal voltado a culpabilização de crimes sexuais; científico, pelo acesso aos

---

1 Livre tradução

mecanismos de produção e reprodução do conhecimento; dentre tanto outros.

Discutir a amplitude das práticas sociais é ir ao plano da vivência cotidiana, dos agentes como protagonistas de sua própria história. Plano em que as atuações individuais são tecidas a partir de uma perspectiva que precisa levar em conta o ‘outro’, aqueles com os quais se compartilha diretamente as relações sociais, no movimento geral da sociedade. Essa dinâmica ocorre como expressão da “percepção diacrítica que estabelece princípios que impõem ordem a ação” (BOURDIEU, 2004: 99), na dinâmica de intercâmbios que abarca múltiplas dimensões, a gerar impactos no modo de ver e perceber o mundo.

A ambição é um desses elementos subjetivos que se colocam de forma decisiva a demarcar os limites de possibilidades de mobilidade social. A um tempo é um limite autoimposto, pois demanda o reconhecimento de si, uma expressão da subjetividade; mas está em conexão com as formas de representação social, validadas por usos e costumes.

A ela se vincula o reconhecimento da potência de si, em geral está vinculada a uma qualidade de virilidade. O enfrentamento das vicissitudes se constitui em um contínuo exercício de superação para alcançar objetivos. Assim eram Madame du Châtelet e Madame d’Épinay, cada uma a seu modo colocou em xeque a retórica social acerca da ontologia feminina, a contrapor a feminilidade idealizada nas representações sociais (MOSCOVICI, 2010).

Mas o que significava isso? Veja-se que os marcadores dos papéis sexuais atribuem à mulher as características de feminilidade e maternidade. A mulher é encarregada de aplicar a sua racionalidade para a promoção da paz, da produção do repouso físico e ao provimento de todas as necessidades de afeto e acolhimento aos membros do grupo familiar.

Essas tarefas devem, por tal acepção, superar em grau de importância qualquer outra demanda, incluindo-se aí aquelas da própria mulher. O que resulta em níveis de satisfação ou de insatisfação sempre renovados da dinâmica de produção e reprodução da estrutura social e onde é estabelecido o *habitus*, “as estruturas mentais através das quais os agentes apreendem o mundo social” (BOURDIEU, 2004: 158).

Entretanto a aspirações das personagens em pleno século XVIII eram bem diferentes. Suas ambições pessoais as levaram a construir uma teia de relações sociais tanto na esfera afetiva, quanto na esfera dos relacionamentos sociais, que definiram o modo como o reconhecimento social as alcançou.

Para Madames du Châtelet e d’Épinay a vida lhes devia reservar mais que os papéis de esposa, mãe e dona de casa. Segundo Elisabeth Badinter a elas couberam movimentos de resistência em diferentes âmbitos e momentos da sociedade francesa, mas com o compartilhamento do sentimento de que não estavam, necessariamente, circunscritas aos papéis que se esperava delas enquanto mulheres.

Madame du Châtelet tinha uma forte ligação com as ciências e com Voltaire. Dona de uma personalidade apaixonada e frenética, desenvolveu um pulsante interesse pela

especulação e pela metafísica; era considerada uma mulher de equações. Certa vez declarou a respeito da sua condição de mulher no ambiente acadêmico: “Sinto todo o peso do preconceito que nos exclui tão universalmente das ciências” (BADINTER, 2003:419).

Por seu turno Madame d’Épinay era o que podemos chamar de *self made woman*. Considerada sentimental e delicada, desenvolveu ligações polêmicas com Rousseau, Grimm e Voltaire. Sobre o seu lugar no futuro que pretendia para si declarou : ‘*Devenir soi-même est une longue patience*’ (BADINTER, 2003:317).

Empreendeu reflexões profundas sobre as condições para que a mulher pudesse galgar melhores posições sociais, o que a levou para a área da pedagogia infantil. Inconformada com o tipo de educação destinada ao sexo feminino, por meio do sistema de ensino adotado em Paris, afirmou que “não permito de forma alguma fixar os limites do saber às pessoas do nosso sexo (...). Sobretudo não nos falavam jamais da razão. A ciência, por sua vez, era deslocada nas pessoas do nosso sexo” (BADINTER, 2003:376).

A respeito do papel da mulher nos círculos intelectuais da época, Voltaire a acompanhava na defesa de um novo espaço de participação feminina na sociedade francesa, chegou a escrever que “a filosofia é de todas as condições sociais e de todos os sexos (...) ela é certamente da alçada das mulheres” (BADINTER, 2003:241).

Nesse sentido essas personagens produziram em sua trajetória uma *práxis* de modo a não reproduzir os padrões culturais vigentes. Não eram exatamente a realização do modelo típico esperado. Ao contrário, trataram de as reposicionar numa economia das práticas sociais (BOURDIEU, 2001) mediada por seus interesses individuais, mas ao mesmo tempo se projetando para o coletivo.

A pertinência das questões que levantaram Madames du Châtelet e d’Épinay ainda está presente. Podemos traduzi-la na seguinte indagação: a quem pertence o fogo da ambição? Na análise de suas biografias Badinter deixa claro que a viabilização de segurança ontológica da mulher, de sua condição de sujeito capaz de superar as idealizações da feminilidade, ainda é um desafio. Mas a atuação daquelas mulheres abriu perspectivas para o enraizamento de uma nova economia moral que explora a necessidade de respostas aos dilemas da lógica de divisão e dominação sexual.

#### 4 | CONCLUSÃO

A produção historiográfica de Elisabeth Badinter em *Émilie, Émilie*, ao traçar o perfil biográfico de Madame du Châtelet e de Madame d’Épinay, demonstra a dinâmica social relativa aos costumes e moralidade no ambiente social e político do século XVIII. Permite a captura do lugar da mulher e dos desafios a ela impostos para se projetar como sujeito de fala, dentro dos equilíbrios variáveis do espaço social.

A ambição feminina, como forma de contraposição aos comportamentos institucionalizados, é a um tempo tomada como desafio, pela subversão ao desempenho

do papel da mulher nas expressões convencionais da feminilidade, e de outro lado como promessa, ao demonstrar que é possível o estabelecimento de pontes criativas entre o esperado como típico ideal e o vivido pelas trajetórias históricas.

A leitura do livro permite a reflexão acerca das estruturas de dominação atinentes às mulheres, já que textualiza as nuances da vida social e os dilemas a que são submetidas as suas personagens ao se guindarem, na estrutura da sociedade francesa, à condição de personas públicas. Por meio da sua crítica social é possível inferir como as estruturais sociais se repetem ao longo da história; mas também como, a partir de interpelações de sujeitos históricos, os rumos das vivências coletivas podem ser modificados, pois as atuações individuais podem revogar as representações sociais que cristalizam os papéis sociais.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

BEAUVOIR, Simone. **Le deuxième sexe**. Tome I: Les faits et les mythes. Collection *Folio essais* (n° 37). Paris: Gallimard; Parution, 1986.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOUDON, R. **Os métodos em sociologia**. São Paulo: Ática, 1989.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Bourdieu Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.156-183. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 39).

BOURDIEU, Pierre **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DELPHY, Christine. Patriarcado. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. São Paulo: UNESP, 2010.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

KANT DE LIMA, Roberto. **Direitos civis e Direitos Humanos: uma tradição judiciária pré-republicana?** São Paulo Perspectiva, São Paulo, v. 18, n. 1, mar. 2004.

MARSHALL, T.H. **Classe, cidadania e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Teoria política feminista: textos centrais**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.

MOSCOVICI, Serge. **A invenção da sociedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PATEMAN, Carole. **The Disorder of Women**. *Stanford*: Stanford University, 1989.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SADEK, Maria Tereza. Judiciário: mudanças e reformas . **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 79-101, aug. 2004. ISSN 1806-9592. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10001>>. Acesso em: 10 june 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000200005>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

A cidade sitiada 1, 2, 3, 6  
Alteridade 23, 29, 54, 74, 87, 165, 233  
Anamnese 15  
A queda do céu 87, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96  
Autobiografia 7, 8, 9, 70

### C

Cenas de Escrita 79, 80, 81, 83, 86  
Cidade 1, 2, 3, 4, 6, 12, 16, 17, 19, 41, 50, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 104, 105, 118, 119, 120, 132, 144, 145, 176, 210, 233, 237, 248, 249  
Cinema Engajado 225, 233  
Clarice Lispector 1, 2, 3, 4, 5, 6, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78  
Construção dos Sentidos 151  
Cordel 49, 50, 57, 168

### D

Dalcídio Jurandir 117, 118, 125, 126

### E

Elisabeth Badinter 32, 33, 36, 37, 38  
Escrita de si 87

### F

Fantástico 24, 26, 28, 29, 30, 31, 110, 111, 112, 113, 114, 116

### H

Herberto Helder 79, 80, 81, 86

### I

Identidade 11, 15, 21, 27, 30, 35, 42, 61, 62, 89, 91, 96, 100, 119, 134, 135, 142, 167, 175, 189, 192, 200, 207, 208, 213  
Imaginário 20, 32, 81, 112, 129, 191, 230  
Inês Pedrosa 15, 16, 18, 20, 21, 22

### L

Lisboa 16, 22, 30, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 78, 86, 164, 213, 224  
Literatura de Autoria Feminina 58  
Literatura Francesa 7  
Literatura Indígena 87  
Literatura Juvenil 130, 135, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 180

## **M**

Medo 3, 11, 12, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 45, 97, 245

Memória 1, 4, 7, 8, 10, 13, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 26, 27, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 81, 82, 84, 93, 119, 135, 138, 140

Modernidade 32, 89, 96, 120, 209, 216, 221

Mulheres 12, 30, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 91, 101, 146, 232

## **N**

Narrativa Fantástica 24, 25, 110, 113

Narrativa Poética 1, 3, 4, 5, 6

## **O**

Osman Lins 97, 98, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109

## **P**

Poesia 5, 22, 49, 50, 55, 56, 59, 79, 80, 84, 86, 138, 216, 217, 218, 219, 223, 224

## **R**

Relações de gênero 24, 25

Representações sociais 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40

## **S**

Sertão 49, 50, 51, 54, 56, 57

## **T**

Transfiguração 97, 98, 101, 106, 108

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-593-8

